

PROJETO JOÃO DE BARRO: RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES ENTRE LITERATURA E MEMÓRIA

Ana Paula Cavalcante Lira do Nascimento (CBNB e UNIGRANRIO)

apcln@hotmail.com.br

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima (UNIGRANRIO)

jpinheiro@unigranrio.edu.br

RESUMO

O objetivo desse artigo é apresentar relações interdisciplinares entre literatura e memória, a partir de um projeto desenvolvido em uma escola pública federal do Rio de Janeiro, com estudantes do 2º ano do ensino fundamental. A atividade proposta tinha como função explorar conceitos de memória – no caso, referente às fontes orais – na já citada etapa de escolaridade. Partindo da literatura, o projeto desenvolveu-se de forma interativa entre os espaços da casa e da escola através de uma “sacola literária”. O produto obtido ao final do processo materializou-se através de uma coletânea de relatos orais.

Palavras-chave:

Literatura. Memória. Ensino Fundamental.

1. Introdução

Literatura são experiências humanas transformadas em linguagem. (Nelly Novaes Coelho)

Pedagogia e Literatura tem formado uma aliança que vai se transformando, se readaptando e se reinventando. A Literatura infantil tem ligação tanto com o aprendizado formal quanto com a diversão das crianças.

Esse artigo pretende demonstrar, através de um projeto interdisciplinar, as relações estabelecidas entre Literatura e Memória.

Nesse contexto, o artigo foi pensado de maneira que na primeira sessão apresentamos uma breve reflexão sobre interdisciplinaridade a partir de um texto provocador do Prof. Dr. Gaudêncio Frigotto. Em seguida, apresentamos uma possível distinção entre Literatura e História, relacionando o conceito de Memória mais especificamente aos estudos históricos.

Por fim, apresentamos o resultado de um projeto desenvolvido em uma escola pública da rede federal com a finalidade de demonstrar como Literatura e Memória pode tecer um diálogo interdisciplinar e prático em atividades cotidianas possíveis no Ensino Fundamental I.

2. *A interdisciplinaridade como desafio*

Iniciamos essa reflexão a partir do texto “A interdisciplinaridade como Necessidade e como Problema das Ciências Sociais”, do Prof. Gaudêncio Frigotto (2008). A interdisciplinaridade é reconhecida pelo autor como algo necessário, mas, ao mesmo tempo, como algo desafiador. Nesse texto, o referido autor explora o conceito de interdisciplinaridade a partir de vários aspectos, como: método de investigação, técnica didática e como abordagem inserida no plano material histórico-cultural e epistemológico. Posteriormente, esclareceremos qual dos aspectos acima escolhemos para amparar esse artigo.

Mas, inicialmente, precisamos retomar que o posicionamento interdisciplinar encontra-se intrinsecamente ligado ao conceito de disciplina. Ou seja, não há uma atitude de oposição entre ambos, mas uma tentativa de aproximação.

A interdisciplinaridade não supõe a extinção das disciplinas, mas apresenta-se como uma proposta de interação entre elas. Para que aconteça, a interdisciplinaridade demanda que as disciplinas dialoguem entre si, estabelecendo ligações de complementaridade, convergência, interconexões e passagens entre os conhecimentos.

A disciplinarização é a base dominante de organização da instituição escolar. É uma tentativa de delimitação das áreas de conhecimento, a partir da qual há uma seleção de conteúdos que, a partir de certas estratégias, serão apresentados aos discentes. No entanto, acreditamos que as disciplinas, estruturadas de forma isolada, não contribuem para a formação integral dos alunos, pois fragmentam e isolam os saberes, extraíndo a complexidade do cotidiano e de seus desafios.

Nesse artigo, utilizaremos, de forma muito breve, apenas o aspecto relacionado à técnica didática. A interdisciplinaridade tem se mostrado como estratégia bastante valorizada nas sugestões de diversas práticas de ensino do Ensino Fundamental I. Das orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) às sugestões na escolha dos livros

didáticos elencados no Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) há um incentivo crescente a uma abordagem interdisciplinar.

No entanto, na contramão dessas propostas, a organização escolar ainda tem como base uma escola cartesiana, disciplinarmente hierarquizada. Nessa organização, percebemos que as disciplinas de Português e Matemática permanecem com a supremacia na divisão de tempos do horário escolar.

Competências linguísticas e lógico-matemáticas são as mais cobradas durante os anos de escolarização. Em contrapartida, as disciplinas de Geografia, História e Ciências não conseguem dispor de tempos equivalentes. Essa desvantagem de tempo de hora/aula e o excesso de conteúdo tem sido um desafio para os discentes.

Os educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental têm uma formação mais generalista e, portanto, tendem a ter uma possibilidade maior de, no cotidiano escolar, trabalhar de forma interdisciplinar. No entanto, como apontado inicialmente por Frigotto (2008), o trabalho de fazer as disciplinas comunicarem-se entre si é necessário, mas desafiador. Como fazer? Um dos caminhos utilizados pelos docentes dos anos iniciais é a utilização de projetos interdisciplinares.

O primeiro ciclo de escolaridade da educação básica tem um público com características muito específicas. Por isso, tem uma possibilidade de trabalhar para além do livro integrado, agregando conteúdos de diversas disciplinas e buscando promover uma aproximação bem mais estreita entre elas. Os educadores trabalham com conceitos que atravessam diversos campos de conhecimento. Aqui queremos apresentar o conceito de memória, que entrará como o fio condutor em um projeto que envolve história e literatura.

3. *Partindo da Literatura e trabalhando com a História*

É possível definir Literatura? Aparentemente a resposta para essa questão poderia ser respondida facilmente. No entanto, percebemos que em nossa busca essa réplica não tende a ser fechada, nem definitiva.

Na *Revista A* (2001, p. 3), do Ceale¹, foram convidadas as professoras Marisa Lajolo e Márcia Abreu para responder a essa pergunta. Segundo a Prof^a Márcia Abreu (Unicamp), não é possível definir literatura de uma única maneira, válida para todos e para todas as épocas. Da mesma forma, a Prof^a Marisa Lajolo (Makenzie/Unicamp) julga que essa resposta seria impossível.

Tentamos, então, utilizar definições que apontam a Literatura por dois vieses. A primeira seria compreendê-la como um conjunto de obras que se tornaram canônicas, selecionadas por comunidades interpretativas autorizadas, entre os séculos XIX e XX. A outra seria interpretá-la, como Coutinho (1978, p. 9-10), somente através do caminho artístico. A Literatura é arte que encanta, que entretém, que informa, que é veículo de valores e costumes construídos socialmente, que forma conhecimento e fomenta a reflexão.

A Literatura tem a capacidade de recriar a realidade, de “tomar corpo” através dos gêneros e de retransmitir uma nova realidade. Por fim, passa a “viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio”.

Mas, devemos considerar que há aspectos que ora aproximam, ora afastam História e Literatura. Para Gerson Donato (2007) é facilmente identificável as semelhanças entre essas duas áreas de conhecimento, pois ambas são produtos do gênio humano, tem origem na oralidade e são “tributárias da língua escrita”. Além disso, são produtos do ser humano e são *narrativas*. Por isso, tanto o historiador quanto o literato são narradores, pois o texto narrativo é a intersecção, o limiar, entre História e Literatura.

Da mesma forma, para Sandra Patahy Pesavento (2012) é a narrativa o denominador comum, pois tanto a História quanto a Literatura tentam explicar uma realidade que se renova no tempo e no espaço, mas que desde os tempos ancestrais são expressões apoiadas na linguagem (nas suas diferentes formas) do mundo visto e do não visto.

Para a autora, definir esses limites é sempre um movimento de re-fletir sobre uma história sempre velha e nova. Velha, porque não é uma

¹ Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Órgão complementar da Faculdade de Educação da UFMG, criado em 1990, com o objetivo de integrar grupos interinstitucionais ligados para a área de alfabetização e do ensino de Português.

discussão atual, e nova, porque as repostas encontradas não parecem dar conta da complexidade dessa relação.

Quanto às diferenças entre História e Literatura na concepção de Donato (2007) podem ser resumidamente apresentadas na tabela abaixo:

LITERATURA	HISTÓRIA
Livre	Engessada em fatos estabelecidos e documentados.
Ilimitada em seus padrões estéticos.	Limitada em um padrão (o texto científico).
Apenas expressa os anseios e os desejos de seu autor.	Pretende ser a voz de um grupo ou de uma época.
Pertence à lírica.	Pertence à épica.
Tem compromisso com seu público ou escola estética.	Tem compromisso com uma época e seus grupos sociais.

Embora o texto narrativo seja o limiar de aproximação entre esses campos, podemos afirmar que a postura epistemológica é a delimitação entre eles. Para Pesavento (2012) o diferencial é o método, o tipo de análise, de pesquisa e a forma de trabalhar com as marcas de historicidade. Enquanto o literato deseja chegar à impressão da verdade, o historiador aspira ao desejo de chegar o mais próximo do real acontecido.

Voltando ao universo das instituições escolares, como fazer dialogar História e Literatura de maneira interdisciplinar no 1º ciclo de escolaridade? Primeiramente, observamos que a literatura infantil vem se tornando uma forte aliada da escola. Para Cunha (1999), a história da literatura infantil daria um livro de poucos capítulos porque o próprio conceito de criança é um termo cunhado entre os séculos XVII e XVIII. Pensar nesse sujeito com especificidades diferentes de um adulto e com necessidade de receber uma educação especial é uma realidade que a escrita literária não abarcava há mais de 300 anos atrás.

A escola tem por objetivo a formação dos seres humanos. Coincidentemente, tanto a escola quanto a literatura infantil surgem no século XVIII e a literatura infantil tem servido de base para o trabalho pedagógico. Mais tarde, a contribuição dos estudos sociointeracionistas tanto sobre o desenvolvimento infantil quanto em relação ao processo de psicogênese da aquisição da língua escrita, incentivará uma prática alfabetizadora baseada em textos de diferentes gêneros.

Utilizada na alfabetização e no letramento, os textos literários passam também a fazer parte do trabalho cotidiano das séries iniciais e dos projetos de salas de leitura, com o intuito de contribuir na formação do leitor crítico e competente.

No entanto, concordamos com Coelho (2000, p. 29) que não podemos considerar a literatura infantil como obra de qualidade inferior à literatura universal, pois, “em sua essência, sua natureza é a mesma da que se destina ao adulto”. A singularidade da literatura infantil dá-se apenas na natureza do seu leitor/receptor.

Aparecida Paiva nos chama a atenção para a dificuldade de classificar como “infantil” uma obra literária visto que os textos circulam entre os diversos grupos de forma que

É importante chamar a atenção para a existência de textos que não foram escritos para crianças, mas que foram apropriados por elas, assim como existem textos escritos “para crianças” que são apropriados também por adultos. Dessa forma, mais importante do que pensar nas especificidades do “infantil”, como adjetivo da literatura, é refletir sobre as especificidades da literatura, que, como toda produção cultural, é histórica, ou seja, muda com o tempo. (PAIVA *et al.*, 2006. p. 22)

Pensemos agora na relação que se dá entre literatura infantil e escola. A Literatura infantil “nasce” na mesma época que a estrutura de escola que hoje conhecemos. Ambas como mediadoras na formação desse novo conceito de sujeito (a criança). Para Lajolo (2001, p. 66), se tratando especificamente da tradição brasileira, “literatura infantil e escola mantiveram sempre relação de dependência mútua”.

Podemos pensar que esse vínculo entre literatura infantil e escola pode ser facilmente rompido. Mas, na realidade sociocultural brasileira – principalmente naquelas mais desprovidas de recursos econômicos – pensar em políticas públicas eficientes de valorização da literatura infantil e da formação de leitores fora da escola é uma tarefa muito difícil. Portanto, para Zilberman (2016), a literatura infantil não tem interesse

em desfazer esse vínculo com a escola, pois ainda precisa desse espaço onde, privilegiadamente, é o lócus de formação de leitores.

Para Coelho (2000) um ensino com base em textos literários na escola pode contribuir na aquisição de uma consciência mais crítica e no desenvolvimento de habilidades intuitivo-criativas dos alunos.

A literatura infantil é um instrumento de dois gumes. Quando desvinculado da escola, possui um caráter apenas literário. É Arte: emociona, diverte, modifica a consciência de mundo do leitor. Ao ser vinculado à escola mantém sua essência literária, mas transforma-se em um “instrumento manipulado” e adquire uma intensão educativa, um caráter pedagógico. A literatura infantil torna-se, então

(...) um elemento indispensável no fazer pedagógico do professor. ela permite trabalhar os mais diversos temas, de maneira lúdica, divertida e atrativa. Por este motivo, torna-se de extrema importância este recurso nas instituições educativas e no planejamento do professor, por mediar a relação da criança com a realidade e o imaginário. (COELHO, 2000, p. 268)

Magda Soares (1999), ao voltar seus estudos para a escolarização da literatura, afirma que podemos criticar a forma errônea que a escola utiliza a literatura. Quando esta é desvirtuada de seu sentido, distorcida e até falsificada. Mas, não se mostra contrária a presença da literatura nos ambientes escolares ou em projetos pedagógicos.

Como recurso pedagógico e partindo da interdisciplinaridade como técnica didática apresentaremos um projeto pensado a partir da literatura infantil para promover um diálogo aproximado entre disciplinas.

4. O Projeto “João-de-Barro”

O nascimento do projeto deu-se concomitantemente com a entrada de um grupo de 25 novos alunos, através de sorteio, no Colégio Brigadeiro Newton Braga para cursarem o 2º ano do Ensino Fundamental I. Nessa ocasião, pensamos como estratégia para adaptação e entrosamento do grupo, utilizar o livro “Voa, João”. Esse livro é uma produção da Multirio e faz parte de uma coleção chamada “Ai, que medo”.

O livro faz parte do projeto de realidade aumentada, ou seja, ele pode ser lido como qualquer livro comum e também através de um recurso multimídia. Com o uso de um aplicativo disponível para download no

site da Multirio ou do Google Play, as páginas marcadas com o sinal de realidade aumentada ganham animação durante a leitura do livro.

No enredo somos apresentados ao passarinho João, um filhote de João-de-Barro que não quer sair do ovo, apesar de todos os esforços dos pais. Tudo João recebe dentro do ovo: brinquedo, comida, carinho. Os pais insistem para que João saia e tenha novas experiências, como todos os outros filhotes. Mas João é resistente. Até que chega o momento de João entrar para a escola de passarinhos onde precisa aprender a voar. Mesmo assim, João permanece dentro do ovo. Os amigos incentivam, a professora pede e... nada. João presta atenção em tudo e faz tudo o que é ensinado dentro do ovo. Mas, de repente, o ovo onde João estava vai rolando e cai da árvore onde a escola está localizada. O ovo espatifa-se no chão. Mas, para surpresa de todos, João aparece voando livre.

Percebemos que esse volume da coleção “Ai, que medo” trata do sentimento de temor que a criança pode vivenciar com o novo da escola. Novos amigos, novos espaços, novos professores. Tudo pode desencadear um processo de ansiedade e angústia nas crianças. Os alunos do 2º ano foram recebidos com essa história, mas não se esgotou, sendo retomado esse momento voltaria como proposta para a turma alguns meses depois.

O passarinho João foi acompanhando a turma através de diversas atividades. Foi companheiro dos estudantes nos estudos que envolveram discussões sobre o meio ambiente, gerando maior interesse sobre a relação entre o meio ambiente que os rodeava e as aves presentes no espaço da escola. Foram trabalhados alguns conceitos geográficos para entender essa representação. O trabalho de consciência corporal nesse espaço ficou presente nas aulas de música e ritmo através da Catira do Passarinho.

Especificamente, na relação com a disciplina de História, também recorremos à Língua Portuguesa para produzir os textos que fizeram parte da coletânea final do projeto.

Iniciados os estudos de história, os alunos buscaram compreender a importância da memória enquanto fontes históricas. Para que ficasse mais compreensível à faixa etária, propomos que as compreendessem como vestígios do passado, ou seja, formas de acessar o que não vivenciamos. Ao mesmo tempo, como aquilo que faz parte do nosso cotidiano e que, no futuro, poderá servir de base para a interpretação de nosso cotidiano e de nossa cultura.

Dessa forma, antes de chegar às fontes orais, retomamos a história de João agora como detonador de um projeto de memórias das famílias, surgindo uma sacola literária. Podemos, inclusive, afirmar que era uma sacola histórica literária. Como proposta, exposta às famílias dos alunos, sugerimos que o livro fosse levado pelos alunos para casa. O aluno, então, poderia escolher um familiar que teria a oportunidade de, em suas memórias, retornar ao primeiro dia de aula.

O relato seria registrado e ilustrado em um caderno. No retorno para a escola o aluno apresentaria a história do familiar escolhido e contaria como foi a experiência da contação em casa. Como se deu a narração da história em casa. No final do processo a turma, além de mergulhar nas memórias de escola de várias pessoas, a turma teria um caderno de narrativas familiares como uma coletânea de relatos orais.

Para Schmidt e Cainelli (2004) cabe aos professores de História tentar articular a história do indivíduo ao seu coletivo

(...) é necessário destacar que o registro da experiência histórica do aluno ganha significado se for articulado com o registro da história ou da experiência coletiva, de outros grupos, outros segmentos, outras sociedades e civilizações e nelas inserido. Nesse sentido, o registro da pluralidade de memórias sociais, culturais e populares possibilita a rejeição da chancela da memória nacional como memória coletiva única. (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 126).

A proposta apresentada foi aceita pelos responsáveis. Inclusive, a sacola foi confeccionada por uma das mães. A sacola literária era objeto de desejo dos alunos que raramente passavam do tempo estabelecido para ficar com ela. Geralmente, cada família ficava de 2 a 3 dias de permanência com a sacola para que o trabalho fosse realizado. Dentro da sacola iam o livro, um tablet e o caderno de registro.

A sacola também foi um dos itens apresentado na Feira da Cultura, um evento anual do colégio. Muito contribuiu a ludicidade do livro que atraiu de imediato a atenção de uma geração mergulhada no uso da tecnologia. O diferente é apreciado pela criança porque sai da sua expectativa.

5. Conclusões

A dupla formada entre Literatura e Memória foi o fio condutor de um projeto interdisciplinar que permitiu um diálogo interessante entre as disciplinas e conteúdos programático do 2º ano do Ensino Fundamental,

especialmente os relacionados ao ensino de História. Acreditamos que o desenvolvimento de projetos interdisciplinares mobiliza os estudantes a tornarem-se mais ativos e críticos nos desafios apresentados em seu cotidiano, entre os grupos família e escola.

Podemos concluir que a literatura é um caminho que mobiliza as crianças para o conhecimento. A leitura nos anos iniciais está em processo e encontra no uso dos livros infanto-juvenis um caminho de grande potência na mobilização das crianças. Portanto, uma obra literária é um bom caminho nessa faixa etária para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares. A tecnologia associada à literatura foi bem recebida pelo grupo de crianças durante o projeto e daria um outro estudo que não foi contemplado nesse artigo.

Por fim, gostaríamos de registrar que a disciplina de História, tantas vezes evitada pelos alunos ou que instiga tão pouco interesse por parte deles, ganhou uma nova significação quando associada à literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas-SP: Papirus, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “História e Literatura: uma velha-nova história. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea]”, In: *Debates*, Puestoenlínea el 28 enero 2006. Disponível em: [HTTP://nuevomundo.revues.org/1560](http://nuevomundo.revues.org/1560); DOI: 10.4001/nuevomundo.1560.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais*. In: *Revista do Centro de Educação e Letras-UNIOESTE/Foz-2008*.

CAGNETI, Sueli de Souza. *Livro que te quero livre*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história-teoria-análise*. 4. ed. São Paulo: Quíron, 1987.

CUNHA, Maria Zilda; LOPES, Cristiano Camilo. “Nelly Novaes Coelho: uma vida dedicada à literatura”. In: *Linha D’Água*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 9-16, oct. 2017. ISSN 2236-4242. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/138689/135268>.

Acesso em: 06 July 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v30i2p9-16>.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e prática*. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2001.

SOARES, Magda. “A escolarização da literatura infantil e juvenil”. In: EVANGELISTA, A.A.M; BRANDÃO, H.M.B.; MACHADO, M.Z.V. (Orgs). *Escolarização da leitura literária*. 2. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Disponível em: <https://iesb.blackboard.com/bbcswebdav/institution/Ead/disciplinas/EADG370/nova/files/acervo/uia1/texto02.pdf>

Entrevista:

Regina Zilberman. Revista Letra A. Ceale, 30/03/2016. Por Natália Vieira. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/entrevista-com-regina-zilberman>